ESCREVER PARA NOSSA EPOCA

POR JEAN-PAUL SARTRE

(Exclusivo em Portugal para «Mundo Literário»)

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E INFORMAÇÃO

LITERÁRIA, CIENTÍFICA E ARTÍSTICA

N.º 34 ★ 28 DE DEZEMBRO DE 1946

NESTE NÚMERO

Escrever para a nossa època, por Jean-Paul Sartre Romancistas americanas, por Albert J. Guérard Um bardo da vida nordestina, por Manuel Bandeira Poemas, de Leonel Fabião A resistência na literatura italiana, por Maria Brandon Panorama musical-II, por Humberto d'Avila Teatro radiofónico, por Nuno de Morais Cinema, por Costa Campos História breve da pintura, 26, por Antônio Pedro As ideias e os homens Noticiário Edições Brasileiras.

ONTRA certos críticos e certos autores, afirmamos ser nesta terra que se faz a salvação, que esta é do homem inteiro para o homem inteiro, e que a arte é uma meditação da vida, e não da morte. É certo: para a história, só o talento importa. Mas não entrei ainda na história, e não sei de que maneira entrarei nela: talvez sòzinho, talvez numa multidão anónima, talvez como um desses nomes que vêm em nota nos manuais de literatura. Seja como for, não tenho que me preocupar com os juizos que o futuro fará sobre a minha obra, visto não ter nenhum poder sobre eles. A arte não pode reduzir-se a um diálogo com mortos, e com homens que estão ainda para nascer: seria ao mesmo tempo demasiado difícil e demasiado fácil; e vejo nisso um derradeiro vestígio da crença cristã na imortalidade: assim como a passagem do homem neste mundo é apresentada como um momento de provação entre os limbos e o inferno ou o paraíso, assim também haveria, para os livros, um período transitório, coincidindo mais ou menos com o da sua eficácia; após o que, desincarnados, gratuitos como almas, entrariam na eternidade. Mas, entre os cristãos, sempre é tal passagem pela terra que decide de tudo, e a beatitude final reduz-se a uma sanção. Ao passo que é crença comum ser o destino dos nossos livros, quando já não somos deste mundo, que vem justificar retrospectivamente a nosan vida. Isto é verdade do ponto de vista do espírito objectivo. No espírito objectivo classifica-se segundo o talento. Mas o ponto de vista dos nossos tataranetos não é privilegiado, porque depois deles outros virão que por sua vez os hão-de julgar. É evidente que todos nós escrevemos por necessidade de absoluto; e uma obra do espírito é na verdade um absoluto. Mas a este respeito comete-se um duplo erro. Em primeiro lugar, não é verdade que um escritor faça passar os seus sofrimentos e as suas faltas ao absoluto quando escreve sobre eles; não é verdade que ele os salve. Quando um mal casado escreve com talento acerca do casamento, diz-se que fez um bom livro com as suas desgraças conjugais. Seria cómodo de mais: a abelha faz mel com a flor porque opera sobre a substância vegetal transfor-mações reais; o escultor faz uma estátua com mármore. Mas é com palavras, e não com os seus desgostos, que o escritor faz os seus livros. Se pretende impedir que a mulher seja má, não está indicado que escreva sobre ela: mais valia bater-lhe! Não se põem as nossas desventuras num livro, como tampouco é o modelo o que se põe na tela: inspiramo-nos nelas, e elas continuam a ser o que são. Ganha-se talvez um passageiro alívio colocando-nos acima delas para as descrever, mas, terminado o livro, encontramo-las novamente. A má fé começa quando o artista pretende dar um sentido às suas desgraças, uma espécie de finalidade imanente, e se convence de que as sofre para falar delas. Quando justifica com este ardil os seus próprios sofrimentos, dá-nos vontade de rir; mas torna-se odioso se procura justificar os dos outros. O mais belo livro do mundo não salvará o sofrimento duma criança: o mal não se salva, combate-se. O mais belo livro do mundo salva-se a ele mesmo; e salva também o artista. Mas não o homem. Como tampouco o homem salva o artista. Queremos que o homem e o artista façam juntos a sua salvação, que a obra seja ao mesmo tempo um acto; que seja expressa-mente concebida como uma arma na

mente concebida como uma arma na luta dos homens contra o mal. O outro erro não é menos grave: em cada coração há uma tal fome de

(Continua na página

ROMANCISTAS AMERICANAS

POR ALBERT J. GUÉRARD

domina tão nítidamente o romance americano, a dos autores de quarenta a cinquenta anos de idade, compõe-se quase exclusivamente de homens. Não encontramos nesta década senão Janet Lewis, Dorothy Parker, Marjorie Kinnan Rawlings (romancista competente mas puramente «popular») e Margaret Mitchell (que na América não é levada a sério). É uma bem fraca «equipe» para opor a Dos Passos, Faulkner, Hemingway, Wescott, Steinbeck, Caldwell, Cozzens, Farrell, O'Hara, Bromfield, Julian Green, La Farge, Warren, Burnett, Tate, Scott Fitzgerald e Thomas Wolfe. Em contrapartida a situação era exactamente inversa na geração precedente.

Theodore Dreiser e Sinclair Lewis são os únicos homens duma geração dominada pelo elemento feminino: Edith Wharton (falecida em 1937), Ellen Glasgow, Willa Cather, Katherine-Anne Porter, Caroline Gordon, Pearl Buck e Elizabeth-Madox Roberts, falecida durante a guerra. Na mais jovem geração de escritores,

entre vinte e quarenta anos, as mulheres contrabalançaram de novo a proeminência masculina; Eudora Welty e Dorothy Baker inspiraram mais respeito do que William Saroyan e Richard Wright. Mas é também notável que a diferença tão nítida entre os romancistas e as romancistas tenha mudado completamente de sentido neste jovem grupo: as mulheres «humanistas» tornaram-se mais pessimistas, mais objectivas, mais obsecadas pela violência, enquanto os homens «naturalistas» se tornaram mais intelectuais, mais analistas e humanos.

Na verdade, a divergência essencial entre os dois sexos era dantes a seguinte: as mulheres eram humanistas e trabalhavam seguindo a tradição clássica do realismo francês e inglês; os homens — que tinham tido uma juventude sucessivamente açoitada pela guerra e pela crise — seguiam a tradição pessimista do naturalismo.

Os maiores romancistas destes dois grupos trabalhavam sobre o mesmo tema — que é, na realidade, o único (Continua na página 14)



SEMANÁRIO DE CRÍTICA E INFORMAÇÃO

LITERÁRIA, CIENTÍFICA E ARTÍSTICA

LISBOA, 28 DE DEZEMBRO DE 1946

Preço avulso 2\$50

Director

Jaime Cortesão Casimiro

Editor:

Luís de Sousa Rebelo

Corpo directivo:

Adolfo Casais Monteiro Jaime Cortesão Casimiro

Propriedade da
EDITORIAL CONFLUENCIA, LDA.

Redacção e Administração:

Rua da Misericórdia, 81-4.º Dto.

- L I S B O A -

Composição: Rua da Misericórdia, 81-4.º Impressão: LABOR, Rua do Barão, 31

SAI TODOS OS SÁBADOS

Distribuidores exclusivos em Portugal Ilhas Adjacentes e Colónias: Editorial Organizações, Lda. — Largo Trindade Coelho, 9-2.º — Telef. 27507 — LISBOA

Distribuidores exclusivos para o Brasil:
«Livros de Portugal, Lda.» — Rua Gonçalves Dias, 62 — RIO DE JANEIRO

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ASSINATURAS

Se quer receber em casa MUNDO LITERARIO, envie-nos o seu endereço, bem legível, acompanhado da importância correspondente ao período que desejar, por meio de vale de correio ou carta registada.

12 números 27\$50 24 números 53\$50

Assinatura de experiência :

6 números Esc. 15\$00 Portes de correio incluídos

PAGAMENTO ADIANTADO

RADIO

O TEATRO RADIOFÓNICO, O MAU GOSTO E OUTRAS COISAS MAIS...

A dias, depois do jantar, tinha eu a telefonia ligada para o Rádio Clube Português quando ouvi anunciar uma versão radiofónica do célebre conto de Maupassant La Parure (que Agostinho da Silva traduziu por O Adereço), adaptado por José de Oliveira Cosme. Costumo desligar o aparelho sob ameaças destas, mas dessa vez resolvi ouvir até o fim: deu-me alento para tanto a admiração por Maupassant e a curiosidade de saber como essa pequena obra-prima sairia da adaptação.

Quando aquilo acabou senti crescer em mim uma sincera indignação contra o adaptador que tivera a desfaçatez de espalhar aos quatro ventos tão grosseira deturpação de um dos melhores contos de um dos maiores contistas da literatura universal.

Não è aqui lugar (embora o sr. O. Cosme bem precise de aprender) para fazer um estudo critico de Maupassant e da sua obra. No entanto, é sempre bom dizer-se que êste escritor foi o discipulo dilecto de Flaubert e que ao fim de dez anos de paciente e àrdua aprendizagem com o mestre atingiu um virtuosismo técnico inexcedivel: o primeiro conto que publicou foi Boule de Suif!... Capaz de trabalhar infinitamente um tema até conseguir a forma ideal (a única!, segundo êle), Maupassant fugiu sempre ao mau gôsto, ao efeito grosseiro, ao convencional, dando-nos a sensação de facilidade. Os seus contos são sintéticos, mas têm fluência e são eloquentes. A eloquência dêles provém do facto de Maupassant deixar o leitor viver em si e por si aquilo que êle lhe sugeriu. Depois de contar a història destacando discretamente e com naturalidade os seus elementos essenciais, não força a sensibilidade do leitor; os contos ficam em suspenso e como que se completam na imaginação dêle, sugestionada, è claro, por êsses ele-mentos essenciais. Dai, a sua ressonância humana, infinita e sempre nova.

O Adereço è um exemplo tipico do que acabo de dizer: depois de Matilde (a que empobrece para pagar a joia que perdera) se ter dado a conhecer e ter contado a Mme. Forestier (a amiga que lha emprestara) o que se passara, esta exclama apenas: «Pobre Matilde! O adereço era falso... Ai de quinhentos francos, quando muito!»

Nada mais. O resto è com o leitor. E não è certamente a ruina financeira de Matilde que nos aflige: o que nos faz sofrer è a inutilidade do sacrificio, aquela tragédia do irreparável, da mocidade perdida que não pode recuperar-se e que para Matilde, que se sabia bela e desejada, era tudo.

Que fez o infeliz adaptador? Foquemos apenas o desfecho: quando Matilde (Julieta para o sr. O. Cosme) conta à amiga (radiofónicamente, Teresinha) o seu sacrificio, esta faz um discurso em que diz pouco mais ou menos isto (só fixei o sentido): «Mas, minha querida amiga, vem comigo, e dar-te-ei o colar. Não quero (era o que faltava...) o que te custou tantos sacrificios. Remediarás assim a tua situação I» E a outra ainda responde: «Que felicidade I Muito obrigada I»

Jå viram banalidade mais banal? O sr. O. Cosme entendeu que o discipulo de Flaubert, não tinha concluido o conto e resolveu então conclui-lo à sua maneira. Muito burguêsmente (influenciado sem dúvida pelo cinema americano...) e dando a prova de um gôsto execrável, não resistiu à tentação de forjar um «happy-end», não fôssem as suas gentis e simpáticas ouvintes ter uma noite de insónia. O sr. O. Cosme arrumou aquele drama (no silêncio de Matilde com que acaba o conto nós sentimos o seu coração apertar-se, nós vemos a sua expressão atónita, horrorizada, recusando-se a acreditar...) com um par de contos de rèis e um agradecimento provocado pelo alivio financeiro!

O que isto revela de incompreensão e de mau gôsto, pareceme escusado salientar: os factos falam por si e sugerem o que é justo que se pense.

È certo que a anunciante do programa teve o cuidado de chamar àquilo uma versão livre. Mas liberdades como esta não podem admitir-se e não devem passar sem reparo.

Admito que a adaptação radiofónica de um conto obrigue a certas alterações de texto, mas quando essas alterações conduzem a semelhante deturpação e supondo que no caso em questão não era possivel permanecer fiel ao pensamento do autor, só há uma solução: desistir da adaptação!

E dai, quem sabe, talvez a razão esteja com o sr. O. Cosme. Talvez Maupassant tenha querido sugerir o que a versão libérrima nos revelou... E tudo uma questão de interpretação, de sensibilidade e de outras coisas mais...

9 / XII / 1946

NUNO DE MORAIS

Escrever para a nossa época

(Continuação da página 1)

absoluto que se confunde frequentemente a eternidade, que seria um absoluto intemporal, com a imortalidade, a qual é apenas um perpétuo adiamento, e uma longa sucessão de vicissitudes. Compreendo que se deseje o absoluto, e também eu o desejo. Mas para que procurá-lo tão longe? Ele está presente à nossa volta, de-baixo dos nossos passos, em cada gesto nosso. Fazemos absoluto, tal como Mr. Jourdain fazia prosa. Acende-se o cachimbo, e é um absoluto: detestam-se as ostras, e é um absoluto. Quer o mundo seja matéria ou espírito, quer Deus exista ou não exista. quer o juizo dos séculos vindouros seja favorável ou hostil, nada poderá impedir que tenhamos amado com paixão este quadro, esta causa, esta mulher, nem que este amor tenha sido vivido dia a dia; vivido, realizado, empreendido; nem que nos tenhamos absorvido inteiramente nele. Tinham razão os nossos avós ao dizer, bebendo o seu vinho: «Mais um que não vai para os Prussianos». Nem para os prussianos nem para ninguém. Podem matar-nos, podem privar-nos de vinho até o fim dos nossos dias: mas esse derradeiro escorregar do Bordeus na língua, nenhum Deus, nenhum homem no-lo podem tirar. Nem relativismo nenhum. Nem tampouco o «curso eterno da história»; nem a dialéctica do sensível. Nem as dissociações da psicoanálise. É um puro acontecer, e, no mais profundo da relatividade histórica e da nossa insignificância, também nós somos absolutos, inimitáveis, incomparáveis, e a nossa escolha de nós próprios é um absoluto. Todas essas escolhas vivas e apaixonadas que somos e que fazemos perpètuamente com ou contra outrem, todas essas empresas em comum a que nos abalançamos, desde que nascemos até que morremos, todos esses laços de amor ou de ódio que nos unem uns aos outros e que só existem na medida em que os sentimos, essas imensas combinações de movimentos que se juntam ou se anulam, e que todos são vividos, toda essa vida discordante e harmoniosa concorre para produzir um novo absoluto a que chamarei a época. A época é a inter-subjectividade, o absoluto vivo, o reverso dialéctico da história, cujo parto se realiza na dor dos acontecimentos a que os historiadores porão depois um no-me. A época vive às cegas,na raiva, no medo, no entusiasmo, as significações que eles porão a claro por meio de um trabalho racional. No seio da época, cada palavra, antes de ser uma palavra histórica ou a origem reconhecida de um processo social, é primeiro um insulto, ou um apelo, ou uma confissão; até os fenómenos económicos, antes de serem as causas teóricas das convulsões sociais, são sofridos na humilhação ou no desespero, as ideias são utensílios ou fugas,

os factos nascem da inter-subjectividade e transtornam-na como as emoções duma alma individual. É com as épocas já mortas que se faz a história, porque cada época, quando morre, entra na relatividade, alinha ao longo dos séculos com outros mortos; iluminam-na com uma nova luz, contestam-na por um saber novo, resolvem por ela os seus problemas, demonstram que as suas mais ardentes aspirações estavam votadas ao insucesso, que os grandes empreendimentos de que tanto se orgulhava tiveram resultados opostos aos que ela esperava, e de súbito aparecem os seus limites e as suas ignorâncias. Mas isto é porque ela está morta; estes limites e estas ignorâncias não existem «na época»: não se vive uma carência; ou antes, ela era um perpétuo transpor dos seus limites para um futuro que era o seu futuro, e que morreu com ela, ela era essa audácia, essa imprudência, essa ignorância da sua ignorância: viver é prever a curto prazo e arranjar-se «com a prata da casa». Talvez os nossos antepassados, com um pouco mais de ciência, tivessem podido compreender que este problema era insolúvel, que aquela pergunta estava mal formulada. Mas a condição de homem exige que se escolha na ignorância; é a ignorância que torna possível a moralidade. Se conhecêssemos todos os factores que condicionam os fenómenos, se jogássemos sempre pelo seguro, desaparecia o risco, e com este a coragem e o medo, a espectativa, a alegria final e o esforço; seriamos Deuses enlanguescidos, mas homens é que não, sem dúvida.

As violentas disputas babilónicas sobre os preságios, as heresias sangrentas e apaixonadas dos Albigenses, dos Anabaptistas, hoje afiguram--se-nos erros. Na época, o homem inteiro absorveu-se nelas e, manifes-tando-as com risco de vida, fez existir a verdade através dela, porque a verdade nunca se entrega directamente, aparece apenas através dos erros. Na querela dos Universais, na da Imaculada Conceição ou na da transsubstanciação, era o destino da Razão humana que estava em jogo. E foi ainda o destino da Razão que esteve em jogo por ocasião desses grandes processos que certos estados da América moveram contra os professores que ensinavam a teoria da evolução. Está em jogo em cada época, total-mente, a propósito de doutrinas que a época seguinte repelirá como falsas. É possível que o evolucionismo venha a aparecer um dia como a maior loucura do nosso século: testemunhando por ele contra a gente de igreja, os professores dos Estados Unidos viveram a verdade, viveram-na apaixonada e absolutamente, a seu próprio risco. Amanhã estarão em erro, hoje tem razão em absoluto; a época está

sempre em erro quando já morreu, e sempre tem razão enquanto vive. Podem condená-la posteriormente, se quiserem; primeiro, teve a sua maneira apaixonada de se amar e se dilacerar, contra a qual nada valem os juizos futuros; teve o seu gosto, que só ela fruiu, e que é tão incomparável, tão irremediável como o gosto do vinho na nossa boca.

Um livro tem a sua verdade absoluta na época. É vivido tal como uma revolta ou uma fome. Com muito menos intensidade, sem dúvida, e por menos gente: mas de igual modo. É uma emanação da inter-subjectividade, um laço vivo de raiva ou de amor entre aqueles que a produziram e aqueles que a recebem. Se consegue impor-se, milhares de pessoas o renegam: ler um livro é, como se sabe, reescrevê-lo. Na época, ele é em primeiro lugar pânico, ou evasão, ou afirmação corajosa; na época ele é boa ou má acção. Mais tarde, quando a época se tiver extinguido, entrará no relativo, tornar-se-á mensagem. Mas os juizos da posteridade não invalidarão aqueles de que foi objecto quando era viva. Tenho ouvido dizer muitas vezes, àcerca das tâmaras e das bananas: «Não pode falar delas: para saber o que é, só comendo-as no lugar, quando acabam de ser colhidas». E considerei sempre as bananas frutos mortos cujo verdadeiro gosto vivo me faltava. Os livros que passam duma época para outra são frutos mortos. Tiveram, em outro tempo, um gosto diferente, áspero e vivo. Era necessário ler o Emílio e as Cartas Persas quando acabavam de ser colhi-

E portanto necessário escrever para a nossa época, como fizeram os grandes escritores. Mas isto não significa que seja necessário encerrarmo-nos nela. Escrever para a época não é reflecti-la passivamente, mas sim pretender mantê-la ou modificá-la, e portanto ultrapassá-la em direcção ao futuro, e é esse esforço para a modificar que nos instala mais profundamente nela, pois ela nunca se restringe ao conjunto morto dos utensílios e dos costumes, mas está em movimento, ultrapassa-se a si própria, perpètuamente, e nela coincidem rigorosamente o presente concreto e o futuro vivo de todos os homens que a constituem. Se, entre outros caracteres, a física newtoniana e a teoria do bom selvagem contribuem para desenhar a fisionomia da primeira metade do século XVIII, não se deve contudo esquecer que uma foi um esforço contínuo para arrancar da névoa fragmentos de verdades, para se alcançar, para além do estado contemporâneo, conhecimentos duma ciência ideal em que os fenómenos poderiam deduzir-se matemàticamente do princípio de gravitação, e que a outra im-plicava uma tentativa para restituir,

para lá dos vícios da civilização, o estado natural. Uma e outra esbocavam um futuro; e se é certo que esse futuro não chegou nunca a tornar-se presente, que se renunciou à idade de ouro e a fazer da ciência um encadeamento rigoroso de razões, não é menos certo que essas esperancas vivas e profundas esboçavam um futuro para lá das preocupações quotidianas, e que é necessário, para decifrar o sentido desse quotidiano, regressar a ele a partir desse futuro. Não se poderia ser homem nem escritor sem se fixar além de nós próprios uma linha de horizonte, mas ir além de si próprio é em cada caso finito e singular. Não se vai além em geral, e pelo simples prazer orgulhoso de ir além, a insatisfação baudelaireana figura apenas o esquema abstracto da transcendência, e, visto ela ser insatisfação de tudo, acaba por não ser insatisfação de nada. A transcendência real exige que se queiram modificar determinados aspectos do mundo, e o ir além particulariza-se e ganha a côr da situação concreta que visa a modificar. Um homem dá-se inteiramente ao seu projecto de emancipar os negros ou de restituir a língua hebraica aos Israelitas da Palestina, dá-se-lhe inteiramente e realiza simultâneamente a condição humana na sua universalidade; mas é sempre com motivo de um empreendimento singular e datado. E a quem me diga, como o Sr. Schlumberger, que se vai também além da época quando se visa a imortalidade, responderei ser essa uma falsa maneira de a ultrapassar: em vez de querer modificar uma situação insustentável, tenta-se a evasão, e procura-se refúgio num futuro que nos é completamente estranho, visto não ser o futuro que nós fazemos, mas o presente concreto dos nossos bisnetos. Sobre tal presente não temos meio nenhum para agir, eles hão-de vivê-lo por sua conta, e como quiserem; situados na sua época tal como nós na nossa, se utilizarem os nossos escritos será para fins que lhes serão próprios e que nós não tinhamos previsto, como se apanham pedras do chão para atirar com elas a um agressor. Seria inútil contar com eles para prolongar a nossa existência: tal não lhes compete, nem lhes importa. E como não temos nenhum meio de agir sobre esses estranhos, será como mendigos que nos apresentaremos diante deles, suplicando--lhes que nos concedam uma aparência da vida, utilizando-nos seja para que serviço for. Cristãos, aceitaremos humildemente, contanto que falem ainda de nós, que nos afectem a testemunhar a ineficácia da fé; ateus, muito contentes ficaremos por se ocuparem ainda das nossas angústias e das nossas faltas, embora seja para provar que o homem sem Deus é miserável. Ficaria satisfeito o Sr. Schlumberger se os nossos netos, depois da Revolução, vissem nos seus escritos o mais claro exemplo do condicionamento da arte pelas estruturas económicas? E se não for esse o seu destino literário, será outro que não

valerá mais: se escapar ao materialismo dialéctico, será talvez para cair nas mãos de algum psicoanalista, mas, seja como for, os nossos netos serão órfãos abusivos, porque haveremos de nos preocupar com eles? Quem sabe, talvez de nós todos só fique Céline: é altamente improvável. mas teòricamente possível, que o século XXI retenha o nome de Drieu e deixe esquecer o de Malraux; seja como for, não se importará com a nossas querelas, não mencionará aquilo a que chamamos hoje a traição de certos escritores; ou, se as mencionar, será sem cólera e sem des-

Mas que nos importa isso! Aquilo que Malraux, aquilo que Drieu são para nós, eis o absoluto. Há para com Drieu, em certos corações, um absoluto de desprezo, para com Malraux um absoluto de amizade, que cem juizos póstumos não poderão apagar. Há um Malraux vivo, um peso de sangue quente no coração da época, e haverá um Malraux morto, preza da história. Porque desejar que o vivo se ocupe a fixar as feições do morto que há-de ser? É certo que ele vive para além

de si próprio; o seu olhar e as suas preocupações dirigem-se para além da sua morte carnal, o que mede a presença dum homem e o seu peso não são os cinquenta ou sessenta anos da sua vida orgânica nem tampouco a vida de empréstimo que terá ao longo dos séculos nas consciências alheias, mas sim a escolha que ele tiver feito da causa temporal que o ultrapassa.

Diz-se que o correio de Maratona morrera uma hora antes de chegar a Atenas. Morrera, e continuava a correr; corria morto, e morto anunciou a vitória da Grécia. É um belo mito, a mostrar que os mortos agem ainda durante algum tempo como se estivessem vivos. Um pouco de tempo, um ano, dez anos, cinquenta anos talvez, um período finito, em todo o caso; e depois são enterrados pela segunda vez. Essa é a medida que propomos ao escritor: enquanto os seus livros provocarem a cólera, o mal-estar, a vergonha, o ódio, o amor, mesmo se ele já não for mais que uma sombra, viverá. Depois, o dilúvio. Somos por uma moral e uma arte do finito.

[EAN-PAUL SARTRE

EDIÇÕES BRASILEIRAS

Daremos, todas as semanas, nesta secção, notícia das edições brasileiras, originais e traduções, que nos chegam do Brasil.

H. G. WELLS: «O GRANDE DITADOR»

Nesta novela satírica contra os falsos iluminados que vêm explorar o povo e erigir uma nova ordem, os personagens debatem os nossos problemas diários, o que será o mundo futuro e as traições que o homem tem sofrido. Wells satiriza os costumes britânicos, a questão educacional impondo uma educação falsa acima das massas, os conservadores e o seu império mundial, o anti-semitismo, etc., e debate problemas como a saúde do povo e muitos outros de interesse premente. Nesta terrível sátira da demagogia e das ditaduras em que nos são apresentadas, aliás, soluções discutíveis, é necessária precaução contra certo tom de pessimismo frequente nas últimas obras de Wells.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT: «CANTO DA NOITE»

Segunda edição dos poemas escritos entre 1930 a 1934 por um dos mais interessantes poetas brasileiros contemporâneos. Tristão de Ataíde classificou *C. da N.* como «breviário do nosso lirismo nocturno». E Schmidt diz-nos deste seu livro que nele «se espelha bem a minha mocidade, com as suas crises, os seus deslumbramentos e as suas lágrimas».

OTTO MARIA CARPEAUX: «ORIGENS E FINS (ENSAIOS)»

Notável volume de ensaios sobre os mais diversos temas: Garcia Lorca, Erasmo, Ibsen, Mauriac, as revoluções europeias, subconsciente e realidade, etc., a que João Gaspar Simões dedicou o artigo «Dialéctica e verdade» no n.º 6 de Mundo Literário.

GILBERTO FREYRE: «CASA-GRANDE & SENZA-LA» (5.ª EDIÇÃO)

Nova edição revista e acrescida de numerosas notas, de uma das maiores e mais valiosas contribuições para as ciências sociais do Brasil, agora integrada numa série «Introdução à história da sociedade patriarcal do Brasil», em que é o primeiro volume.

SINCLAIR LEWIS: «BETHEL MERRIDAY»

O lançamento duma actriz profissional, uma observação impiedosa e precisa do meio teatral por um dos melhores escritores americanos, laureado com o Prémio Nobel.

HAROLD LASKI: «REFLF-XÕES SOBRE A REVOLUÇÃO DE NOSSA ÉPOCA

Neste ensaio, o progressivo ex--presidente do Partido Trabalhista inglês, Harold Laski, tão atacado pelos conservadores anglo-americanos e pelos próprios trabalhistas críticados por ele, apresenta uma visão lúcida e penetrante dos problemas

políticos da nossa época.

Consciente da marcha inevitável para o socialismo, Laski analisa a revolução de 1917, o fascismo, as democracias florescentes e as já em via de dissolução, os perigos da contra-revolução e a liberdade numa democracia planejada.

Excelente ensaio para uma formação de cultura política, mas que deve ser lido com espírito crítico, aquele espírito crítico cuja abdicação «é o verdadeiro pecado mortal que todaa ditadura impõe aos seus súbditos».

(H. Laski).

ERSKINE CALDWELL: «UMA CASA NO PLANALTO»

A vida dos aristocratas arruinados. dos negros e dos brancos pobres da América. História emocionante da decadencia de todas as classes ligadas a um dos cíclos da lavoura norte--americana. Uma atmosfera de intenso realismo, doloroso e humano, pelo grande romancista da «Estrada do Tabaco». (Vidé Mundo Literário n.º 22).

CASANOVA: «MEMÓRIAS PRIMEIROS PASSOS»

«Primeiros passos no mundo. Aventuras de amor e de viagem. Vida parisiense e vienense. Novas aventuras. Os Chumbos.» (1.º e 2.º vols.).

As célebres memórias do aventureiro Casanova, fonte imensa de factos e figuras de várias camadas da sociedade do séc. XVIII. «Um homem que não conheceu obstáculos e que, além de tudo, possuia uma prodigiosa memória, narra a sua inaudita existência e fá-lo sem eufemismos de moral, sem adornos poéticos, sem rendilhados filosóficos-tal como foi: real, passional, perigosa, des-nuda...» (Stefan Zweig).

ERNEST HEMINGWAY: «O SOL TAMBÉM SE LEVANTA»

Um dos melhores romances do grande romancista norte-americano autor de «Por quem os sinos dobram». E o drama da geração sacrificada pela primeira guerra mundial, «geração perdida» (como lhe chamou Gertrude Stein), inquieta e sacrifi-

Com um poder descritivo impressionante e grande força de emoção, dá-nos Hemingway, através de uma tragédia amorosa, a vida dos seres humanos feridos pela guerra.

EMIL LUDWIG: «DA VIDA E DO AMOR»

Ludwig, autor de tantas biografias de homens célebres, tira a máscara de biógrafo e apresenta a sua filosofia da vida, confessando-se discípulo de Epicuro e individualista convicto, nesta época de «caricaturas grotes-cas», e à beira de um lago suiço fala complacentemente dos três ideais à roda dos quais decorreu a sua existência, «amor, felicidade e grandeza». Enquanto um mundo se desmorona e outro se ergue dolorosamente, Ludwig goza a vida ao sol de um dia que acaba e conta o seu bem estar, descreve a sua casa e os seus hábitos.

ILYA EHRENBURG: «O SE-GUNDO DIA DA CRIAÇÃO»

«A nossa revolução não se fez num laboratório muito limpo, mas num estábulo».

Romance de intensa humanidade.

ANDRÉ RIBARD: «HISTÓRIA DO POVO FRANCÊS»

Livro admirável que não é uma relação de datas ou de nomes, mas um valioso instrumento de interpretação e análise que permite com-preender, graças à aplicação do método do materialismo dialéctico, o que é essencial e profundo no processo de desenvolvimento do povo francês que tanto contribuiu e está contribuindo para a evolução da humanidade.

«Assim que determinamos as origens das circunstancias trágicas nas quais nos encontramos, retoma-se no futuro a absoluta confiança que garantem os recursos infinitos deste país». (A. Ribard).

ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO DE ATAÍDE): «O CRITICO LITERÁRIO»

Livro de um dos maiores críticos do Brasil. (Vide João Gaspar Simões, «Variações sobre a crítica e o crítico» no n.º 10 de Mundo Literário).

Section (In the Section) ANTOLOGIA DE AUTORES PORTU-GUESES E ESTRAN-**GEIROS** POESIA Volumes publicados: RABINDRANATH TAGORE Introdução, selecção e tradução de Augusto Casimiro FERNANDO PESSOA (Ele-mosmo, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos) 2.ª Edição JULES SUPERVIELLE Estudo crítico e selecção de Adolfo Casais Monteiro A sair: JORGE DE LIMA WALT WITHMAN CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, etc. Outras edições: ADOLFO CASAIS MONTEIRO EUROPA Poema CARTAS DE FERNANDO PESSOA A A. C. RODRIGUES Editorial Confluência, Lda.

Uma solicitação do sr. Manuel Anselmo

Recebemos no dia 15 um longo escrito assinado pelo Sr. Manuel Anselmo, sob o titulo «Resposta de sereno desprêzo a uma critica insultuosa», acompanhado por uma carta do mesmo senhor na qual nos è «solicitada», «nos termos da lei da imprensa», a publicação daquele.

Formado em direito, não devia ignorar o Sr. Manuel Anselmo que a lei da imprensa não se destina a defender a vaidade dos escrito res mediocres, nem a coarctar a liberdade da critica.

Mas, como se não bastasse ignorar que não nos podia exigir a publicação da sua prosa, fosse em que caso fosse, o Sr. Manuel Anselmo mandou-a ao mesmo tempo para o Diário da Manhã, que a publicou no dia 18. E, como na tal resposta è que se contém afirmações caluniosas para o «Mundo Literario», estariamos nos de facto no direito de recorrer à lei - para o processar. Não recorreremos. Esteja o Sr. Manuel Anselmo descansado: nós apenas queremos dele, ou que deixe de nos enviar os seus livros, ou então, desejo infelizmente mais dificil de ser satisfeito - que deixe de os escre-

Erratas

Na carta de Branquinho da Fonseca, publicada no n.º 30 de «Mundo Literário», onde se lê: «... além de que poderia vir a fazer-se a 2.ª série...» - leia-se: «... além de que poderia não vir a fazer-se a 2.ª série...».

Nas poesias de Maria Almira Medina, publicadas no n.º anterior, rectifica-se que o 5.º poema começa com

«Domingo burguês à janela de casa»

e é constituído por 5 estrofes de três versos cada e, portanto, com uma disposição gráfica diferente daquela

com que veio publicado. Igualmente no 4.º poema há a emendar, na 17.ª linha, «mamã» para

«mãe».

ANUNC1E EM « MUNDO LITERÁRIO»

TODAS AS EDIÇÕES BRASILEIRAS CITADAS OU NÃO EM «MUNDO LITE-RÁRIO» PODEM SER PEDIDAS PARA LIVROS DO BRASIL, RUA VÍTOR COR-DON, 29 - LISBOA, QUE AS ENVIARA RÁPIDAMENTE PELO SEU SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

POEMAS DE LEONEL FABIÃO

INFÂNCIA

Ai! Meus sentimentos alvos tingiram-se na voragem das rosas rubras e como espinhos sangrentos ficaram cravados para sempre, despertando a dor dos anos justapostos, nas estrofes quebradas do meu canto! Ai! Meus sentimentos alvos não são mais meus porque todo o mundo os conhece. Meus sentimentos alvos não voltarão mais: Ficarão ausentes e doloridos, sempre, sempre, pungentes como espinhos de rosas rubras orvalhadas de saudade... Meus sentimentos alvos não voltarão mais: A Vida tornou-os seus!

SÍNTESE

Pobres, famintos, vagabundos, a roerem rima e métrica e a tragarem mundos...

Ah! Versos meus! Versos meus!

No centro da charneca milhares de braços nus erguidos para os céus!...

MANHÃ TRISTE

Quem? Quem adivinha
o canto vagabundo
que as folhas secas entoam
nas manhãs de outono agreste?
Quem saberá escutar
os segredos contados a medo
no doidejar dos bailados sem ritmo?

Nem tu nem eu. Ninguém. Ninguém para descobrir o mistério imponderável da Natureza morta na névoa da manhã.

Folhas secas que o vento sopra...

Manhã triste, triste, triste,
como tristes são teus olhos...

Poesia dum canto escondido de jardim revelada a ti e a mim, querida, a ti e a mim — folhas secas que o vento empurra na névoa da manhã...

FEIRA

Luzes, música, gritos roufenhos de locutores improvisados, cheiro de fritos, tiro ao alvo, e risos histéricos de mulher...

Todo o mundo a esquecer a Dor e a rir perdidamente

— rir, rir, rir! — como diz o locutor... É a vertigem do «water-chut», da grande roda, do carroussel, a expandir-se atordoado e a saber a fel...

Feira:

comédia burguesa de grandes trágicos; dor berrada em gargalhadas perdidas; soluço estrangulado por luzes, música, gritos roufenhos de «parleur» improvisado e divertimentos velhos, de interesse há muito estafado... Momices de rapazes pintados; entrechoque de ferragens folgadas; bang-bang de motores mal carburados!...

No ar,
paira qualquer coisa
que foi pelo povo mascarada...

...E nas caras dos homens há o riso alvar dos palhaços de feira...

A Resistência na Literatura Italiana 1922-1944

POR MARIA BRANDON

literatura italiana contemporânea é pouco conhecida no estrangeiro; para-se em d'An-nunzio, em Papini, em Marinetti, exemplos clássicos daquela falsa grandeza e grandiloquência que representam só um aspecto da alma italiana, o mais conhecido no estrangeiro, senão o único, graças aos gestos espectaculares, às bravatas, aos lazzi destes três ilustres representantes da palhaçada transalpina. Mas a verda-deira cultura, a que entronca pela solidez, pelas aspirações e seriedade na comum tradição europeia do século XX, tradição de liberdade na variedade, de tolerância, de horizontes universais, de busca de uma expressão pessoal e pura, essa cultura é ignorada. No entanto, foi ela que, pela sua recusa obstinada em conhecer ou admitir a existência do fascismo e suas pretensões, pela maneira de se isolar no silêncio, encontrou o meio válido de esconder, durante o inverno gelado da tirania, esse regato subtil e cantante que era a alma italiana, abafada sob os ouropeis ridículos da cultura «oficial» do «Duce» e da sua coorte de histriões vocife-

É uma literatura que não foi anti--fascista como a dos emigrados Silone, Garsetto, Leo Ferrero (1), nem fascista como a de Papini e Marinetti:

foi «afascista».

«OS TRÊS GRANDES» DA POESIA HERMÉTICA

Primeiro, a poesia. As suas tendências podem ser resumidas em duas ou três palavras: lirismo puro, que permitiu aos escritores não sujar as mãos na vida contemporânea; receio de uma arquitectura, exterior à inspiração íntima, que condenou o poema de grande fôlego como um pecado contenutiste (invasão pela realidade material, que não interessa o artista a não ser como motivo ocasional de inspiração); procura de uma realidade ou «surrealidade» mágica. de uma linguagem cifrada da alma; chamou-se a esta tendência hermetismo ou, mais tarde, arcanismo, da palavra arcano (mistério). Os «três grandes» desta escola, que durante vinte anos foi um exemplo de consciência artística, são Eugénio Montale, Umberto Saba e Ungaretti.

Eugénio Montale, com «Ossi di seppia», publicados em 1922, marcou uma data e uma abertura na poesia italiana. Trata-se de uma arte pétrea, em que clareiras móveis conduzem o homem a um estupor vegetal abandonado às correntes naturais e em se-

guida a uma espécie de surda inconsciência. O homem quer deixar-se ir, folha ao sabor da corrente: nela perde pouco a pouco os traços da sua fisionomia, porque teme os dos seus semelhantes. Cada sensação do poeta é única e precisa. O queixume é abafado, retido por um pudor esquivo. Montale recusou-se sempre ao fascismo, às honras, ao sucesso. A sua posição foi sempre a única possível para um escritor consequente; delimitou por oposição o que não somos, o que não queremos (motivo de um dos seus poemas).

Esta recusa absoluta de todo o assunto exterior ao fantoche lírico que surge das profundezas da psique, chegou às consequências extremas em Umberto Saba; há nele uma perfeição técnica acabada, uma contemplação melancólica que rarefaz as expressões, atenta a impedir o livre curso a um sentimento ou a um gesto que, saindo do puro lirismo, se em-

brenham na vida detestada.

Ungaretti, ainda que tenha tido alguns contactos com o fascismo, manteve-se na arte tão refractário como es outros dois. Já nenhuma construção de versificação existe nele; a seiva corre límpida e clara. São às vezes versos de duas, três sílabas o máximo, encerrando a emoção numa conversa em voz baixa con-

sigo próprio. Salvatore Quasimodo e Alfonso Gatto são também dois poetas de

grande valor.
Sobretudo Alfonso Gatto, que foi ao mesmo tempo um militante clandestino comunista, animado no entanto de uma grande fé cristã e católica, ergue para a criança, para a mulher, para as estrelas, para os sinos da aldeia natal, para o mar e para a terra, uma face trémula de brandura virginal e mística.

REALISMO MÁGICO E «SURREALISME» NO ROMANCE

O romance italiano conheceu desde a guerra de 1918 duas teorias que tentaram limitar-lhe o conteúdo: a escola do Novecento (o século XX) reivindicando todas as formas da vida moderna como assunto para obra de arte; e a escola do Strapaese (Nada a não ser a terra), que exalta, ao contrário, o mundo provincial e a terra como único tema de inspiração. Sobretudo pelo Strapaese, os escritores tentaram à sua maneira evitar qualquer ligação com o regime e com as suas exigências de uma arte fascista, fugindo para a terra, a vida primitiva, para o folclore.

Croce, com as suas teorias estétiticas, dominou todo o período entre 1920 e 1940; a sua tese foi o anteparo do anti-fascismo disfarçado dos jovens romancistas: «A arte não deve invadir o domínio da vida prática, social e política; a ideologia é matéria de exposição, de ensaio, não do romance ou do poema. Cair-se-ia numa arte palaciana ou de falsa adulação. É preciso permanecer no plano estrita-

mente imaginativo».

Foi assim que Strapaese deu asilo a duas categorias de romancistas: os que fugiam ao fascismo e os que quiseram virar costas à Europa e à sua responsabilidade de homens, afundando-se na feira franca das anedotas campesinas. Foi, em todo o caso, uma teoria involutiva, um recuo estratégico diante da tirania. Esta tendência deu--nos bons romancistas instintivos, cheios de côr: Giovanni Comisso, Corrado Alvaro (2), em quem a evocação do país natal, da terra, do mar, dos costumes ancestrais, encontra um tom comovido e pitoresco, um vigor poético esplendido.

Mas, a partir de 1930, a situação do romance evoluiu. Houve o cansaço da provincia, «que acabava por dar um mau cheiro a alho e cebola, dizia-se, às obras dos romancistas e novelistas». E veio o protesto contra o chauvinismo «autarquico» imposto à cultura pelos corifeus do regime, em particular por Giovanni Papini. Estudou-se James Joyce, Erskine Caldwell, William Faulkner, os alemães anteriores a Hitler, Kafka, Thomas Mann; pôs-se em evidência Dos-toiewski. «O homem não se deve desinteressar do mundo. Deve conhecer a Europa, o mundo, a sua cultura, ideias e tendências. Mas não queremos o realismo fotográfico, o naturalismo terra a terra, à maneira de Zola. Os problemas humanos e sociais são englobados, expressos, vazados no molde da inspiração artistica». É um movimento que reabre as janelas para a vida e liberdade.

Esta escola conduziu os romancistas a uma obra sólida e aurável. (Concluina página 13)

^{(1)—}Leo Ferrero, filho do historiador G. Uglieno Ferrero, morto tràgicamente, em 1933, no Novo Mèxico, cujas obras se encontram publicadas em francês (Introduction à Leonard, Paris, dernier modèle de l'Occident, Espoirs, Angellica, Pensées sur le rôle de la morale e Diséspoirs), exterioriza nelas o tadium vita e o sentimento dos seres deslocados, esmagados entre duas formas de civilização antagonistas. As poesias, que dele conhecemos, extraidas dos seus cadernos íntimos, revelam o trágico destino de milhares de jovens, como ele, privados aos vinte anos das suas razões de viver pelos regimes totalitários. (N. do T. (2)—Sobre Elio Vittorini, ler o artigo d Rui Feijó nos n.ºs 9-10 de «Informação Lit rária». (N. do T.)

Études Brésiliennes

«Mundo Literário» não pode deixar de se sentir orgulhoso de todos os testemunhos que, vindos de fora do pais, dizem da eficiência da sua acção; enquanto alguns sectores, dentro do pais, não perdem qualquer oportunidade para nos caluniar, pretendendo não entender, porque ofende a sua mesquinhês e estreiteza de espirito, a independência da nossa actividade, è com orgulho, repetimos, ver «Mundo Literàrio» ser considerado no estranjeiro como uma revista representativa da cultura nacional.

De entre esses testemunhos, poucos nos poderiam ser tão gratos como a carta acabada de nos chegar do «Institut Français des Hautes Études Brésiliennes», em Paris, cujo secretário geral é o Dr. Paulo Duarte, que durante a sua estadia em Portugal tantas simpatias ganhou entre nos, e que, nas suas funções daquele Instituto, não tem desmentido o seu nome de devotado amigo de Portugal, que ele soube bem reconhecer através dos seus verdadeiros

representantes. Dada a importância que para a expansão da nossa cultura pode ter aquele Instituto, a presença do Dr. Paulo Duarte como seu secretário geral é-nos uma garantia de que a sua obra não se limitará a um inter-câmbio entre o Brasil e a França, e saberá tomar a seu cargo as funções que competiriam a um Instituto, que infelizmente não existe, de Estudos portugueses. E disso dà testemunho um periodo da referida carta, que tomamos a liberdade de transcre-

«A boa vontade e simpatia com que o mundo intelectual portu-guês tem correspondido aos nossos esforços em prol do patrimonio comum, incentiva-nos cada vez mais a prosseguir a nossa obras.

Exposição Bibliográfica Feminina

Inaugura-se no dia 4 de Janeiro, na Sociedade Nacional de Belas Artes, organizada pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, uma exposição bibliográfica feminina.

Nela estarão representados vinte e cinco países num total de cerca de

dois mil volumes.

Durante esta exposição, que se destina a dar maior expansão à actividade intelectual da mulher no mundo, realizar-se-ão conferências de carácter cultural.

Institut Français des Hautes Umbardo da vida nordestina

por MANUEL BANDEIRA

maioria das pessoas aqui presentes são amigos e admiradores de Ascenso Ferreira: conhecem-nos de sobra. Esta apresentação dirige-se antes àqueles que nunca viram nem ouviram o autor de Catimbó. Quero tranquilizá-los, dizendo que não se assustem diante do tamanho e da catadura do poeta. Rubem Braga contou que Ascenso tem cara de cangaceiro e de ladrão de cavalo. De cangaceiro tem mesmo; de ladrão de cavalo, não sei, pois nunca me vi de cara a cara com um ladrão de cavalo. O que posso afirmar positiva-mente, baseado numa experiência de mais de vinte anos, è que Ascenso è o que no Norte se chama «uma podrura», quer dizer, uma criatura mansa e bondosa até a fraqueza, incapaz do menor gesto de crueldade.

Esse gigante nasceu paradoxalmente na Rua dos Tocos, em Palmares, cidade do interior de Pernambuco. Aos sete anos perdeu o pai, vitima de um acidente numa dessas cavalhadas que êle cantou num dos seus melhores poemas. Mas o orfãozinho tinha uma mãe admirável, abolicionista que adorava os discursos de Nabuco para modelo de análise lógica no colégio em que era professora. Foi ela a sua mestra. Aos treze anos começou Ascenso a trabalhar no comércio. Vale a pena citar o que sobre isso escreveu o poeta, porque as suas palayras explicam como se foi formando o seu mundo poético ao contacto da vida que levava então:

«Entrei para o comércio. Estabelecimento de ponta de rua, cujo dono era meu padrinho, homem de coração largo e de barriga cheia, mas intransigentissimo com os empregados de seu balcão. «A Fronteira», nome da casa em que eu trabalhava, está mesmo indicando a sua posição entre a cidade e a zona rural. Passavam os comboios rumo à estação da estrada de ferro e de volta fazia pouso para as compras, lavar os cavalos, dormir no «Rancho» e de madrugada. Foi o «Rancho» o grande principal cenário do meu mundo folclórico: toadas de engenho! Toadas do sertão! cocos! sapateados! ponteios de violas! histórias de mal-assombrados! caçadas, pescarias, viagens, narrações ...

Por esse tempo Ascenso não era ainda, como è hoje, grande em três dimensões. Até os vinte e quatro anos foi tão magro, que lhe puseram o apelido de tabica de senhor de engenho. Depois è que

principiou a botar corpo. Meteu--se na politica e por causa dela teve de deixar a cidade natal. No Recife, onde se fixou, começou a recitar nas ruas e em casas de amigos os seus primeiros poemas. Publicou dois livros: Catimbó e Cana Caiana. Não tardou que o seu renome chegasse ao Sul. Hoje è conhecido em todo o pais.

Alguem que ouviu Ascenso declamar os seus versos, opinou que o grande poeta pernambucano não devia ter dado os seus poemas em livros e sim em albuns de discos: porque a prosódia dos seus versos necessita da voz do poeta para fazer sobressair todos os valores ritmicos que estavam na intenção do artista no momento da elaboração criadora. Essa elaboração é, no caso de Ascenso, extremamente complexa, - quer quanto aos elementos exteriores. quer no que diz respeito ao fundo, à substância dos seus cantos, tão caracteristicamente brasileiros.

Os poemas de Catimbó e de Cana Caiana são verdadeiras rapsódias nordestinas, onde se espelha a alma, ora brincalhona, ora pungentemente nostalgica das populações da zona dos engenhos e do sertão. Ascenso sentiu o drama doloroso desses mestiços, debruçando-se com infinita piedade sobre os sofrimentos do matuto. ainda quando ele era o cancangeiro que a fatalidade mesológica marcou com os estigmas do crime.

Poeta de inspiração popular, a sua técnica do verso é no entanto subtil e requintadissima. Costuma-se falar de verso metrificado e verso livre como se algum abismo os separasse. Ascenso Ferreira é o melhor exemplo de que não existe esse tal abismo. Nos seus poemas mistura ele os versos metrificados e rimados, aqueles de ritmo mais martelado, os que por isso mesmo os cantadores nordestinos chamam «martelo», com os versos livres mais ondulosos e soltos, e até com frases de conversa, e música pelo meio. Todos esses elementos se fundem admirávelmente como numa coisa só, uma peça inteiriça, onde não se nota nunca a menor fenda, a menor gaucherie. Não conheço na poesia brasileira culta, na poesia culta de nenhum outro pais, poeta que a esse respeito o supere.

Transcrito de «Leitura», n.º de Julho de 1946

OS EDITORES INTELIGENTES SABEM QUE ANUNCIAR EM «MUNDO LITERÁRIO»

É UMA GARANTIA DE SUCESSO

AS IDEIAS E OS HOMENS

HERMANN HESSE (*), a cuja obra foi conferido o Prémio Nobel de Literatura, é um alemão típico, um alemão do Sul, como Schiller ou Hölderlin, um romântico atrasado que sofreu através da família, influências piétistas. Não é um cosmopolita, e a sua obra mal parece ter ligações com a nossa época, ainda que seja um complexo e interessante produto dela. Em vão se procurará nela o eco das nossas lutas sociais, das nossas guerras mundiais e revoluções técnicas. Toda a obra de Hermann Hesse é de introspecção e lirismo; dobrado sobre si próprio, um recalcado procura libertar os seus instintos pela imaginação e a análise. Desdobra-se muitas vezes nas suas personagens como Goethe em Fausto e Mefisto. Como Goethe tem o culto e o sentimento da natureza e como ele escreve romances educativos, género bem alemão (Wilhelm Meister e Henrique o Verde de G. Keller), mas não tem nem a variedade nem as curiosidades múltiplas, nem a arte de viver de Goethe. Começa a contar-se a si próprio no «Peter Camenzind» e continua em «Unterm Rad», «Knulp» e nas suas três obras primas-«Demian», «Siddharta» e o «Lobo das Estepes».

«Demian» é a educação de um homem por uma mulher e um amigo que o libertam da moral convencional. Em «Siddharta», esse mesmo homem transportado para o ambiente da India aparece filho de bramane, foge da casa paterna, do templo e dos dogmas, para ir aprender com um mercador e uma cortesã. No «Lobo das Estepes», o papel de educador cabe a um a dansarina e a um tocador de saxofone.

Hesse é o protestante ao mesmo tempo consciencioso e emancipado ou que se quere emancipar (como Gide) mas também o alemão naturista que prefere à ideia, a sensação e a emoção. «Posso amar uma pedra, uma árvore, um pedaço de casca. Não posso amar as palavras. As doutrinas nada valem para mim. Não têm nem a dureza, nem a doçura, a cór, as arestas, nem o gosto, são só palavras.»

Vivendo já na Suiça durante a outra guerra, (há vinte e cinco anos que tem a nacionalidade suiça), Romain Rolland elogiou-o no «Audessus de la mêlée». Hess dedicou a Rolland, depois, o Siddharta. Os nacionalistas alemães denunciaram-no como pacifista.

Hesse escreveu: «Sou um homem inteiramente apolítico». No entanto, a sua última obra acabada de aparecer chama-se Considerações Políticas. Hesse confessa que essas considerações são o contrário da política e acrescenta: «Pode ser que eu pertença a um mundo meio morto, que um homem colectivo sem alma individual esteja nascendo, que já exista aqui ou ali, que ele faça tábua rasa de toda a tradição religiosa e individualista da humanidade»...

Eis uma maneira apolítica de fazer política...

AINDA EÇA DE QUEIROZ

De entre os escritores portugueses que já não pertencem ao número dos vivos, Eça de Queiroz é, sem dúvida, o mais admirado, o mais lembrado e o mais lido.

As suas páginas não são apenas a reprodução de uma fase particular da evolução da sociedade, a pintura de tipos humanos que imortalizou ou a expressão contundente

da sua fina ironia. Elas revelam o escritor atento às realidades do mundo, fazendo dessas realidades um motivo de arte. sem as falsear, sem as pulverizar com o pó de arroz perfumado de certos romancistas de salão, porque a obra de Arte, como ele próprio escreveu, deve ser «obra observada e não sonhada: obra modelada sobre as formas da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida e não nesse monturo mole, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de retórica, que ainda atra-vanca um canto da Arte e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florzinha triste e melada que pende e que cheira a mofo».

Isto escreveu Eça de Queiroz no seu famoso prefácio aos «Azulejos», do Conde de Arnoso.

«A nobre Arte — acrescenta noutra passagem — não julga dever mutilar a Realidade ou falseal-a, comprometendo assim o seu grandioso fim moral, só porque podia fazer corar as meninas — as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castissimo e idealissimo Feuillet, conhecedor perfeito dos costumes da virgindade, quando estão juntas, todas de branco, n'um canto da sala, teem conversas qui feraient rougir un singe, que fariam corar um macaco! E em verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plinio considerado como a mais impudente, a mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotaveis do Senhor!»

A MEDICINA AO SERVIÇO DO CRIME

Estão a ser julgados em Nuremberga, na mesma sala onde Goering e os seus cúmplices foram condenados, vinte e três médicos nazis acusados dos crimes mais repelentes, cometidos no exercício da sua profissão.

Karlo Deauldt, antigo médico particular de Adolph Hitler, é o chefe da famigerada quadrilha, da qual faz parte uma mulher, a médica Berta Ibschauser. Os crimes foram praticados no célebre campo de concentração de Bavensbruck, reservado às mulheres. As histórias macabras que se passaram nesse campo e nas quais participaram os vinte e três médicos nazis, são não sòmente uma ignominia que a ciência repele mas uma degradação que toda a Humanidade civilizada e culta condena.

Os médicos de todo o mundo culto esperam que a justiça aliada se faça, condenando às mais duras e implacáveis penas esses monstros, que se serviram das suas prerrogativas profissionais e do seu saber científico e técnico para matar, para torturar, para fazer sofrer, negando da maneira mais repelente a alta missão que deviam desem-

penhar.
O nazismo, que só semeou monstruosidades e monstros, tem nestes médicos que respondem em Nuremberga os seus frutos mais ignóbeis. Uma mentalidade que foi capaz de tanto, precisa ser completamente banida do seio da civilização e da cultura, evitando assim que a ciência jamais seja desviada da sua verdadeira missão. Se tal não acontecer, todos nós sofreremos o ultraje e seremos vítimas da nossa própria inépcia.

Os crimes dos médicos nazis, produto directo da consciência fascista, não devem ficar impunes. Foram eles que chegaram a formar em alguns fascistas a ideia de que o médico pode exercer criminalmente a sua profissão. Se na Alemanha os médicos tivessem resistido à criminalidade do regime, à influência das torpes doutrinas que o nazi-fascismo semeou na terra, a ciência médica e a profissão médica não seriam alvos de algumas insinuações malévolas. O homem de ciência deve colocar a ciência acima de tudo, agir só em seu nome, e, quando assim não acontecer, estará fora do âmbito da sua missão.

A medicina nazi era tão monstruosa como a política e a moral nazis. A justiça aliada, até para exemplo e para aviso, deve tratar a medicina como tratou a política e a moral, porque só assim será feita justiça. E a medicina de toda a Humanidade que assim o exige.

AO FAZER ENCOMENDAS
AOS NOSSOS ANUNCIANTES
MENCIONE O
«MUNDO LITERÁRIO»



PANORAMA MUSICAL — II

M Portugal, a música é um luxo, além de ser uma conveniência que cumpre respeitar, em certa época, por certa sociedade...
Com o anúncio do verão, a temporada considera-se finda. Mal os primeiros calores apertam, logo os nossos melómanos começam a rarear, — o que faz pensar em que, mais do que o gosto pela música, é a presunção que os leva a concertos... Mas precisamente nesta époça, o tempo livre, as noites calmosas, etc., tudo concorre para tornar a conselhável, a realização duma larga campanha de iniciação musical. Que se vê, porém? Os Casinos encherem-se de orquestras mediocres, com vocalistas e cançonetistas espanholas...

No estrangeiro, onde a música é inseparável da vida e da cultura, verifica-se o contrário, isto é: ser, de facto, na época estival, quando a maior parte das pessoas se encontra de férias, que a vida musical se renova e adquire outro brilhantismo. Orquestras, regentes e concertistas, reúnem--se nos centros de vilegiatura para organizarem grandes festivais, quase sempre patrocinados pelas próprias entidades responsáveis do turismo local. (1) Esses festivais adquirem tanto interesse e utilidade, de ordem geral e particular, que só a temporada de Vichy, este ano, proporcionou a dois jovens músicos a oportunidade de revelarem-se como chefes de orquestra!

A vida musical, entre nós, perdidas as tradições dos velhos centros de Évora, Coimbra e Porto, circunscreve-se pràticamente a Lisboa, e aqui, por sua vez, a actividade musical oscila entre dois polos: o S. Carlos e o Coliseu. O mais restringe-se a iniciativas particulares, meritórias sem dúvida, mas forçosamente de reduzido âmbito. Pior do que isto é a forma fechada como se realizam todas estas actividades musicais, as quais carecem de propaganda, difusão, entusiasmo, enfim, repercussão necessária a fazer interessar nelas o grande público e, sobretudo, a juventude.

Enquanto faltar um programa oficial pré-estabelecido e continuar a haver, no nosso País, uma só orquestra sinfónica em actividade, tal estado de coisas não se remediará. Impõe-se fomentar, desde já, a organização de novos agrupamentos orquestrais. Não faltará quem contraponha a sua inviabilidade, por carência de elementos capazes, além de que o nível da educação musical portuguesa não corresponderia a esse esforço. Estamos num círculo vicioso... O meio é indiferente, logo não poderá comportar mais orquestras; não se criam novas orquestras, logo o meio permanecerá

indiferente... É tempo, parece-me, de se pensar a sério neste problema. De contrário, nem se produzirá estímulo para os novos artistas, nem se proporcionará ao público a divulgação da boa música, condição primeira de o fazer educar-se musicalmente. Se houve verba e se foi possível criar uma Direcção Geral dos Desportos, por que não se tenta criar uma Direcção Geral de Belas-Artes?

Conseguido este organismo indis-pensável, promulgada uma legislação adequada, estabelecida ao longo do País uma rede de delegados culturais a var das autoridades administrativas. e asseguradas as garantias-base duma actuação eficiente - os nossos jovens já não temeriam seguir a carreira musical, profissão tão necessária e útil como qualquer outra. Então, não mais haveria razão para lamentar o que se verifica, há anos, no nosso Conservatório Nacional: maioria esmagadora de alunos externos contra pequeno número de alunos internos; percentagem quase exclusiva de meninas prendadas a estudar música para «fazerem um pouco de piano», enquanto os cursos dos instrumentos ditos de orquestra se encontram pràticamente desertos..: Anunciou-se, agora, uma reforma do Conservatório. Oxalá os cursos se aperfeiçoem e se completem, mas isso, por si só, é construir sem alicerces. O problema não se resolve, desde que as condições exteriores não estejam acauteladas.

Graças à iniciativa particular, quase sempre de intenções progressivas mas de realização precária, os serviços oficiais não terão de partir do nada. Meio trabalho está já feito com a existência de orquestras improvisadas como a Filarmónica de Lisboa, a do Iardim Universitário de Belas-Artes e a Sinfónica Eborense. Dando-lhes meios de vida e facilitando a sua missão, controlando o seu exercício e exigindo-lhes obra, tinham-se criado possibilidades práticas de formação de novos maestros e de novos executantes, nos quais a Orquestra Sinfónica Nacional poderia encontrar os elementos aptos de que necessitar para renovação dos seus quadros.

O público, estou certo, corresponderia a esta política de boa música. Desde o momento, claro, em que «ouvir música», deixasse de ser privilégio das casacas e dos «smokings»... Nada pode continuar a justificar a estranha coincidência de os melómanos lisboetas se circunscreverem quase só àquelas pessoas que têm ou podem usar vestuário dito de rigor. O S. Carlos, bem entendido, tem as suas tradições, logo a sua função: aí poderia actuar a Sinfónica Nacional. Mas urge que se construa uma

ou mais salas de concertos pròpriamente ditas, onde as outras orquestras alternassem, tocando para o restante público que é o mais numeroso.

Quanto à temporada estival (falo só de Lisboa) aí temos esse magnifico local embora insuficiente, que é a Estufa Fria, ainda não aproveitada como devia, certamente porque não se pode exigir actividade de inverno e de verão a uma só orquestra e a um só maestro... Além da Estufa Fria, teremos também, segundo nos prometem, um grande «Auditorium», no Parque Eduardo VII. Evidentemente que, ao planear tão útil edificação, não foi intenção fazê-la obra só para vista, ponto obrigatório de todo o itinerário turístico alfacinha, apenas utilizado de tempos a tempos... É-nos lícito esperar que se pense, finalmente, na realização de concertos semanais, tanto de tarde como de noite, para o que são imprescindíveis novas orquestras e novos regentes... Se, sobre isto, se pensar também

Se, sobre isto, se pensar também num concertozinho periódico, gratuito, para as massas trabalhadoras, como até já no Brasil se faz, ficaria o quadro esboçado por agora.

Em Franca, o Estado, compreendendo a alta missão da música, decidiu estudar e pôr em prática uma vasta planificação com vista a descentralizar todas as actividades musicais e a alargar o seu campo de acção, tornando-as um instrumento maleável e eficaz da cultura popular. Sob a supervisão da Direcção Geral de Artes e Letras, as municipalidades, as associações sinfónicas, a Radiodifusão Nacional e a Federação dos Espectáculos, demonstrando admirável compreensão dos superiores interesses da música, conjugaram esforços, com entusiasmo, para a efectivação deste grandioso plano.

Assim, já na presente temporada, vão ser criadas em Leão, Bordeus, Marselha, Lille e Toulouse, orquestras oficiais de noventa figuras. Todos os músicos serão recrutados em concursos públicos. A actividade destas orquestras repartir-se-á entre o Teatro Municipal (!), o posto regional de radiodifusão e os concertos sinfónicos.

Escusado será encarecer as vantagens imediatas que desta «descentralização coordenada» devem resultar tanto no domínio da qualidade musical como no da divulgação, entre largo público, das melhores obras. Comentando o acontecimento, diz um jornal: «Admiremos o belo esforço realizado pelas administrações centrais e municipais, às quais foi confíado o nobre dever de defender, propagar e encorajar a arte musical. Admiremos, sobretudo, o facto de ninguém ter desanimado, pensando nas enormes dificuldades de organização e de reorganização que não é possível deixar de encontrar na realização deste plano.

(1) Veja-se «Panorama Musical I» — M. L. n.º 31 (Concluina página 1;)

NOTICIÁRIO

Prémios literários em Paris

O Prémio Goncourt deste ano coube a Jean-Jacques Gautier, pelo romance «L'histoire d'un fait divers». Foi apurado em terceiro escrutinio por 4 votos a 3 sendo estes atribuídos a Serge Groussard para «Crépuscule des Vivants». Antes disso alguns votos haviam-se dis-persado para Argile de Zoé Olden-bourg, e Soleil Noir de Maurice Toesca.

O Prémio Théophraste Renaudt foi atribuido a Jules Roy pelo romance La vallée heureuse, por 7 votos con-tra 3, a Georges Govy, autor de Sang Russe. O laureado é comandante da aviação, muito condecorado. La vallée heureuse conta as peripécias de 37 voos que fez sobre

a Alemanha.

O Prémio Fémina coube a Michel Robida, por «Le temps de la longue patience». Robida é há doze anos repórter literário e chefe do serviço das reportagens na Radio fusão

Francesa.

O Prémio Paul Pelliot (o explorador que descobriu a «Gruta dos mil budas)». O 1.º prémio foi dado a Henri Wallon, doutor em medicina e em letras, professor do Colégio de França e Director da Escola dos Altos Estudos. O seu livro trata da adaptação do pensamento infantil à explicação das coisas.

O 2.º prémio Pelliot foi atribuído a Mlle Boutonies, professora de filosofia, doutora em medicina e licenciada em ciências, pelo seu es-

tudo sobre «L'angoisse».

Finalmente o Prémio des Deux Magots foi concedido a Mme Paule Malardot pelo romance «L'amour aux deux visages».

André Malraux, o conhecido ro-mancista de «Les Conquèrants» e «L'Espoir», foi condecorado pelo embaixador da Inglaterra, como heroi da Resistência.

Autores de lingua portuguesa em tradução francesa

O editor francês Charlot, que tem dado larga representação às traduções de literaturas estrangeiras na sua actividade editorial. vai iniciar muito em breve a pu-blicação de originais de autores portugueses e brasileiros, de que os primeiros a aparecer serão «Fanga», de Alves Redol, «Eterni-

SE CADA ASSINANTE NOS CONSEGUIR OUTRO ASSINANTE, MUNDO LITERA-RIO PODERÁ ALARGAR CONSIDERAVEL-MENTE A SUA ACÇÃO CULTURAL, AU-MENTANDO O NÚMERO DE PÁGINAS E = = CRIANDO NOVAS SECÇÕES = =

dade», de Ferreira de Castro, e «Mar Morto», de Jorge Amado. A este alargamento da sua actividade não é estranho o facto de ser actualmente conselheiro dessa casa editora o poeta e ensaista Armand Guibert, bem conhecido entre nos pelo interesse vivo que lhe merece a nossa literatura actual, manifestado por traduções e por criticas, que incidiram em especial sobre a nossa poesia. O seu nome è pois uma garantia de que as obras portuguesas que venham a ser publicadas por «Charlot» serão escolhidas segundo um seguro critério literário, por alguém que, quando entre nós, se tornou um perfeito conhecedor das nossas letras.

A noticia é de interesse para autores e editores portugueses, que poderão enviar os seus livros para Armand Guibert - Editions Charlot, 18, Rue de Verneuil, Paris (7.º).

Notícias várias

- Apareceu nas montras das livrarias o novo romance de Joaquim Paço de Arcos, «Tons verdes em fundo escuro». Paço de Arcos declarou ter pretendido com ele «pouca coisa». Nem derrubar mundos, nem erguer mundos novos. «Já estou muito céptico para supor que a obra de arte, so por si, pode fazer o milagre que os Evangelhos ainda não fizeram em vinte sécu-
- Temos recebido, «Itinerário», «publicação mensal de letras, ar-

CURSO DE GUARDA-LIVROS

CHEFE DE ESCRITÓRIO

PRIMEIRO CICLO DOS LICEUS

LINGUAS

ENSINO PELO CORREIO

Fácil, completo, garantido. Escreva à Escola Lusitana de Ensino por Correspondência, que lhe enviará grátis o folheto de propaganda

RUA DE S. MAMEDE, 32-3.º E LISBOA

tes, ciência e critica», de Lourenco Marques, dirigido por H. V. Soares de Melo, «Ítinerário» expressão de um belo esforço cultural, atinge no próximo més de Fevereiro o sexto ano de existência. Chamamos a atenção dos nossos leitores para esta interessante e viva publicação cujo endereço é Caixa Postal 301, Lourenço Marques.

- Realizou-se no passado dia 18, na Faculdade de Medicina de Lisboa, um recital de poesia e música, preenchido com recitações por Maria Barroso de alguns poetas modernos (Álvaro Feijö, Manuel da Fonseca, Mário Dionisio, Joa-quim Namorado e Sidónio Mura-lha) e um concerto de música moderna em disco, com obras de W. Walton (Scapino), Ravel (concerto para a mão esquerda) Darius Milhaud (Suite Provençal) Proko-fieff (o Bobo), Mossolof (Fundi-ção de Aço) e Strawinsky (Sinfonia de Salmos).
- Jorge de Sena realizou recentemente no Ateneu no Porto uma conferência «sobre Fernando Pessoa, indisciplinador de almas. Interpretação da sua obra em prosa».
- A Atlantida, de Coimbra, anuncia um «In Memoriam de Eça de Queiroz», uma «Antologia de Contos de Elsa Triolet» e «Camadas constitucionais da personalidade» de Erik Rothaver.
- A livraria Civilização está procedendo à publicação das Obras completas de Júlio Dinis, em volumes organizados e apresentados pelo prof. Egas Moniz, contendo obras postumas e ineditas. Estimamos que, de facto «estejam cuidadosamente cotejadas com as últimas edições publicadas em vida do autor» tão mal revistas têm sido as edições publicadas nos últimos tempos.
- Faure da Rosa, vem dos valores da nova geração de romancistas, autor de «Fuga», vai publi-car um novo romance «Escalada».
- A Livraria Clássica Editora publicou uma nova edição de «O Pais das Uvas» de Fialho de Almeida.

LEIA SEARA

SEMANARIO DE DOUTRINA E CRÍTICA

Redacção e administração:

Rua da Rosa, 238-240 - LISBOA

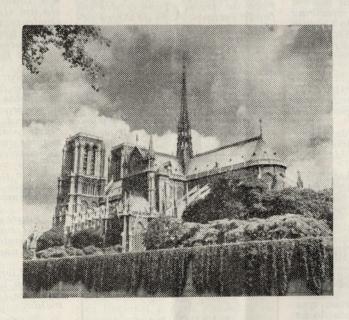
FRANCE

Ministère Des Travaux Publics et des Transports

Commissariat Général au Tourisme

DIRECTION PORTUGAL

68, R. de S. Domingos à Lapa — LISBOA



PARIS

A grande «Saison» de inverno começa

PANORAMA MUSICAL

(Conclusão da página 10)

«Todos os músicos de Paris, ou da provincia, devem conhecer, apreciar e encorajar esta magnífica obra e trazer também, na medida dos seus meios, uma pedra para este edifício, graças ao qual reinará mais profundamente, na Franca e no estrangeiro, a glória da música francesa e daqueles que a servem.»

Admirável país este que, após os piores reveses, sabe sempre encontrar o caminho de renovar-se e supe-

rar-se.

Referindo-se ao comportamento que uma grande parte do público manifesta perante a música sinfónica, principalmente a moderna, o Sr. Bertault, Secretário Geral dos Concertos Pasdeloup, observa que a compreensão das obras musicais menos acessíveis não pode conseguir-se «por soluções de força preconizadas actualmente, mas por um esforço de educação e instrução musical que os poderes públicos devem empreender criteriosamente, e numa organização racional dos concertos sinfónicos». Servindo-se os novos músicos de palavras novas e de sintaxe nova, declara não ser possível esperar-se que esta linguagem transformada seja imediatamente assimilada.

No teor do seu depoimento, o mesmo Sr. Bertault, para explicar a evolução do público dos concertos, usa da seguinte curiosa classificação:

«Primeiro grupo: aqueles que gostam de música mas, por falta de adaptação, se satisfazem com as canções em moda e os «romances vulgares»:

«Segundo grupo: aqueles que, dotados de maior sensibilidade ou possuindo educação musical, podem compreender a música clássica e a romântica»:

«Terceiro grupo: os que estão já fan iliarizados com os últimos mestres (Debussy, Ravel, etc.)»;

«Quarto grupo: finalmente, uma vanguarda de corajosos, de curiosos, de letrados, que procura compreender a música dos nossos compositores contemporâneos.»

Vem a propósito lembrar que, contràriamente ao que pensa o Secretário Geral dos Concertos Pasdeloup, alguns músicos e musicólogos, e entre eles Saint-Säens, são de opinião que a educação musical do público não se deve fazer progressivamente, mas pondo-o em contacto brusco com os grandes mestres, mesmo os mais «difíceis», como Bach, por exemplo.

Paralelamente à acção decisiva do Estado, a iniciativa privada demonstra, pelo seu zelo e ardor, que a arte dos sons se encontra no primeiro plano das preocupações e curiosidades do povo francês.

Quer em Paris, quer na província, existe grande número de orquestras particulares e municipais, sociedades de concerto, associações, círculos de amadores, clubes de música, etc.... De entre todo este vasto movimento, quero salientar aqui, porém, as «Juventudes Musicais de França», organização que se estende a todo o país, para o exercício e propaganda da boa música e conta milhares de filiados.

O seu novo centro regional de Poitiers, recém-criado, anuncia já um notável programa de concertos para o ano de 46-47. Os maiores solistas e os melhores conjuntos de música de câmara, tais como o célebre quarteto Lowenguth, asseguraram já o seu con-

Garantia da sobrevivência da música e esteio da sua grandeza, as «Juventudes Musicais de França» são um exemplo vivo de como as novas gerações se podem organizar, sem outros propósitos que não sejam continuar o espírito da Humanidade!

HUMBERTO D'ÁVILA

A Resistência da Literatura Italiana (1922-1944)

(Conclusão da página 7)

Agrupou-se em torno de uma casa editora e de uma revista entre 1927 e 1943; Solaria de Florença (onde o poeta Montale dava o exemplo da mais rígida consciência profissional), foi uma escola de pureza e coerência. Titta Rosa, Bonaventura Tecchi, Carocci, Guido Piovene, Gugliemo Petroni, Pea, E. Cecchi, eis alguns dos nomes desses escritores, delicados, sensíveis, manejando uma língua árida e simples, pura sem afectação, admirávelmente natural. Entre eles, merece especial menção Arturo Loria, autor de um volume de novelas: Il cieco e La Bellone (1958); o autor foge ao mundo contemporâneo e recusa a sociedade estabelecida e constituida, evocando um mundo do século XX, de párias, indivíduos à margem da sociedade, brigões, vadios, ladrões, prostitutas, ciganos, homens sem trabalho, mendigos! Em novelas de cores vivas, que lembram o conto de Sachetti (esse émulo popular de Boccacio!) Loria extravasa o temperamento de inadaptado, de refractário ao conformismo do seu país algemado.

E se devemos passar quase em silêncio, porque os limites deste artigo são demasiado curtos para dar a cada um o lugar merecido, temperamentos de romancistas de valor, tais como Romano Bilenchi, Quarantotti Gam-bini, Mario Soldati, não podemos deixar de mencionar Elio Vittorini, de Siracusa, autor de Conversa-zione in Sicilia e Uomini e no (3), (traduzidos recentemente, em Franca,

por edições Skira), em que os ensinamentos complexos do «realismo mágico», do «surrealismo», do realismo americano elíptico e despido por um desejo antecipado de nudeza quase frustre(especialmente Ca'dwell) atingem a sua maturidade. Os problemas políticos e sociais entram na literatura sob uma forma velada, púdica, alusiva, que exclui a declamação, a tese, o programa. Vitorini, das esquerdas na vida política, não é na arte senão um grande romancista. É o que dá tanta eficácia e beleza poética às suas duas últimas obras primas.

Impossível encerrar esta rápida revista sem falar de Alberto Moravia, muito conhecido já, em França, com o romance Gli indiferenti, posto em cena por Vialar em 1939, e que abandonou o tom de pintor implacável dos vícios da burguesia para se lancar em romances de alusão política (Cosma e i briganti e La Mascherata), que lhe valeram as perseguições pelo regime e a vida clandestina. Não podemos também esquecer o melhor fruto do realismo mágico, Cesare Zavattini, com o seu Parliamo tanto di me (1928) e *I poveri sono matti* (1935) transposição aérea e estilizada, à maneira de Kafka, de um mundo de miséria e de opressão, e da vida dos intelectuais pobres. Do automatismo que tenta apagar a vida, o homem brota a todo o instante com uma ternura tanto mais tocante, porque vem embebida de lágrimas limpas disfarcadamente com um sorriso.

Assim, o romance italiano, através do estudo dos grandes modelos estrangeiros, e sobretudo graças à experiência destes anos trágicos, tornou--se de novo o eco da consciência do país, na infatigável busca de si próprio.

MARIA BRANDON

(3) — L'Uomo é forte, de Corrado Alvaro, está traduzido em portugués. Este livro, apesar do desfecho pesadamente humoristico que desfigura o seu sentido e alcance, tem alguns capítulos que igualam as mais intensas páginas de Kafka ou Faulkner. Ainda que Alvaro declare no prólogo que o livro foi inspirado por uma estadia na U. R. S. S. não há nele nenhuma alusão directa aos sovietes, ao eslavismo ou à III.³ Internacional o que pode levar-nos a crer que a declaração do prólogo é um subterfúgio que facilitou a publicação do livro, procurando fazer esquecer à censura do regime fascista o retrato abstracto que desse regime pintava no «L'Uomo é forte». (N. do T.)

VALE-LHE A PENA ASSINAR MUNDO LITERÁRIO

RUA DAS CHAGAS, 17 - A



ROMANCISTAS AMERICANAS

(Continuação da página I)

tema possível para um romancista sério dos dias de hoje : o desiguilíbrio moderno, a desordem económica e moral, que isolaram o indivíduo da sua época. As mulheres eram mais velhas; tinham conhecido pessoalmente a antiga sociedade cuja morte descreviam com tanta nostalgia; afirmavam o poder da coerência moral, da decência, da tradição, contra o assalto das fôrças de desintegração. Acreditaram desesperadamente na possibilidade de salvar alguma coisa do naufrágio; o remédio que ofereciam era a descrição minuciosa da v da humana e civilizada.

Pelo seu lado, os homens estavam de corpo e alma com o horror que contemplavam; o remédio que ofereciam, a sua arma contra a desintegração, era a descrição dela nos seus mais sórdidos pormenores. As mulheres eram filósofos, os homens psiquiatras - e resta saber qual dos dois métodos é mais eficaz para conjurar

um fantasma inquietante.

Os mais admirados em França são os naturalistas violentos, febris, por vezes nevróticos. Os leitores americanos são bem menos exclusivos: e é assim que Ernest Hemingway e Ellen Glasgow, artistas tão diferentes sob todos os pontos de vista, tão diferentes como Camus e Romain Rolland, são hoje, paradoxalmente, os dois romancistas mais admirados nos Estados Unidos. Mas se esta diferença é admitida por toda a gente, resta ana-lisar rápidamente algumas das suas

É difícil exagerar a diferença de clima moral para os romancistas, consoante começaram a escrever antes ou depois da guerra de 1914. Mas a tradição literária é muitas vezes uma força tão poderosa como o meio social. A influência de Edith Wharton (1862-1937) sobre uma geração inteira de romancistas, é um facto da mais alta importância. Ao findar a sua carreira escreveu bem fracos romances populares, mas, no seu domínio, tinha sido uma grande artista trágica: observadora vigorosa de uma aristocracia em plena decadência que, no próprio momento em que desabava, se esforçava ainda por contrariar a aspiração individual à liberdade. Mas a sua importância foi maior ainda como intérprete e medianeira: ela pôs ao alcance de artistas menores os métodos de um muito grande romancista, Henry James, e de um outro, escrupuloso e refinadamente intelectual, Paul Bourget. Como Bourget, ela não possui nem a universalídade nem o sentido do trágico de James, mas, como ele, considera que o tema do romance deve ser «moral» e o romance em si mesmo, tècnica-mente, uma obra de arte. Ela aper-feiçou o modêlo que Ellen Glasgow

e Willa Cather deviam explorar com tanta habilidade: o individuo nas suas relações com uma sociedade de raizes primitivamente sãs, mas agora ressequidas pelas convenções e os preconceitos. Foi assim que ela descre-veu com a acuidade de um Stendhal a decadência da aristocracia novaíorquina. Assimé que Willa Cather devia descrever, com a sua mistura de idealismo e de individualismo, o declínio da sociedade dos pioneiros do Far-West — e Ellen Glasgow a queda da velha aristocracía da Virgínia, cuja cultura originária tinha degenerado numa amálgama de ritos paralizadores, uma verdadeira negação da

Estas três romancistas pertenciam às sociedades que descrevem - e todas três eram consideradas nos seus meios como revolucionárias e renegadas. E, no entanto, parece que, em última análise, elas afirmaram mais do que negaram essas sociedades; esforçavam-se por salvar delas tudo o que representava uma autêntica ordem moral. As suas simpatias simultâneamente, a sua herança literária levavam-nas a descrever esta vida nos seus ínfimos pormenores; reuniam as fôrças que podiam gerar solidez: tudo que fôsse civilizado, tolerante, inteligente, humano. Nas mãos de artistas menos escrupulosos, esta preocupação transformou-se em pura nostalgia; Margaret Mitchell, por exemplo, lisongeou o duvidoso regresso duma época mais fútil e agradável do que a nossa. E assim, definiu-se a receita do moderno grande «êxito de livraria» (quase sempre escrito por mulheres): triunfo mecânico da religião ou da personagem virtuosa sobre as fôrças da desordem; exploração fácil de emocionantes dramas domésticos (uma morte no terceiro capítulo é compensada por um nascimento no quarto); repetição sem fim dos pormenores da vida simples do campo, e realismo feminino das histórias de cozinha e guarda-roupa.

O romancista tranquilo, intelectual e requintado que começou a escrever depois da guerra de 1914 encontrava-se numa posição singularmente difícil; as vozes calmas tinham dificuldade em se fazer ouvir no meio dos gritos frenéticos do naturalismo. E, no entanto, quatro romancistas de grande distinção permaneceram fieis à tradição humanista: Elizabeth--Madox Roberts, Caroline Gordon, Katherine-Anne Porter e Janet Lewis. Os romances desta última (A invasão, O Processo de Martin Guerre) e os de Caroline Gordon (Penhally) são mais romances históri os sobre as qualidades morais de uma civilização do que sobre os encantos superficiais de uma época defunta. No seu livro mais recente (No fundo do ceu tem-pestuoso) Janet Lewis escreveu sobre

a vida contemporânea: a história de uma pobre família francesa da Califórnia que tentava conservar hábitos de vida sã entre a selvajaria dos anos de 1930... Elizabeth-Madox Roberts, além de romancista uma poetisa distinta, publicou romances históricos à maneira de Willa Cather, e, também, novelas que exploravam os mistérios da consciência. The Time of Man foi, indiscutivelmente, um dos maiores livros americanos publicados en-tre as duas guerras. Katherine-Anne Porter é provàvelmente a mais «moderna» das quatro: escritora cuja delicadeza e escrúpulos inspiram o respeito de todos os seus colegas. Chamaram-lhe a Katherine Mansfield americana, mas a sua arte é muito menos autobiográfica e muito mais «masculina» do que a da ing êsa. As suas novelas têm certa semelhança com as de Hemingway: o seu propósito é definir a experiência (subtilezas do sentimento e da vida social) com

precisão de um poeta.

É digna de admiração a coragem destas romancistas que tão teimosamente resistiram às modas literárias do seu tempo. Entre as contemporâneas, só Dorothy Parker escreveu à famosa maneira de Hemingway; é uma «virtuose» do diálogo, mas o seu pessimismo sincero é por vezes prejudicado por um humor mais frívolo de que penetrante. Carson McCullers e Maritta Woolf, escritoras de fama na geração das de menos de trinta anos, reagiram violentamente contra as «humanistas»; escandalizaram as suas antecessoras com o uso desmedido do terror e da violência. Maritta Woolf pertence ao romance «proletário» e McCullers aderiu francamente ao sistema de Faulkner. Mas enquanto Faulkner não deixa de ser um filósofo e um artista, a sua discípula parece não ter outra aspiração do que escandalizar o leitor por todos os meios, incluindo os mais artificiais.

As duas romancistas mais impor-tantes destes últimos dez anos são Dorothy Baker e Eudora Welty. O célebre romance de Dorothy Baker sobre um músico de «jazz» (O Jovem da trompeta) é um estudo do temperamento artístico. A sua mestria no calão dos músicos e o seu à-vontade na descrição da atmosfera das «boites de nuit», não faziam prever o seu segundo livro, Trio, que é um estudo muito agudo do lesbianismo nos meios universitários. A sobriedade dos seus processos e a pureza da sua linguagem, indicam-na como discípula de Hemingway; embora os temas versados sejam muito mais intelectuais do

que os do seu mestre.

E' muito difícil pronunciar um juízo de conjunto sobre Eudora Welty que é certamente a escritora americana mais original e mais diversa depois de Faulkner. Uma curiosa mistura de naturalismo e simbolismo faz dela o melhor equivalente americano de Franz Kafka: apresenta com igual

Conclus na página 16)

HISTÓRIA BREVE DA PINTURA-26

POR ANTÓNIO PEDRO

ARAS vezes se é tão tentado ao sistema fruste da tirada de efeitos fáceis como ao falar dos grandes pintores italianos do século xvI. E, assim, se se disser que, na trindade magnifica do «cinquecento», Leonardo é o intelectual, Miguel Angelo o impulsivo e Rafael o sensível, arriscamo-nos a fazer supor que, por ser intelectual Leonardo não foi sensível, por ser impulsivo Miguel Angelo se esqueceu de ser inteligente, e falhavam a Rafael a inteligência conceptual e o impulso instintivo sem os quais nenhum artista deixa memória de si. Mas, se não é de aconselhar o recurso retórico e se, por isso, se denuncia a sua inveracidade, parece-me de chamar a atenção o facto curioso de em três grandes pintores contemporâneos se poderem exemplificar com facilidade três das qualidades angulares necessárias a um artista superior: o fogo interior de origem instintiva, a análise lúcida de carácter intelectual e a sensibilidade subtil que a um e a outra junta o poder de comunicabili-

É este poder de comunicabilidade, este senhorio de uma linguagem aparentemente correntia, essa simpatia humana que se compraz num estilo simples, numa euritmia de modulações sem estridência, na limpidez da paisagem e na clareza da expressão que caracterizam a obra de Rafael e a tornam, mesmo para os estranhos da pintura, logo acessível e atraente.

Ensinado pelo Perugino, a sua maneira começou pela de um miniaturista, e a suave doçura das madonas do mestre ficou-lhe sempre como um traço de família. Os grandes frescos do Vaticano encomendados por Júlio II e os que fez para o banqueiro Chigi (História de Psyché, Triunfo de Galatea, etc.) alargaram-lhe o estilo que nos cartões de tapeçaria executados para Leão x e nos retratos atingiu a sua máxima plenitude.

Em Leonardo da Vinci há sempre um mistério que se disfarça e na sua linguagem feita de sombras e de luzes adivinhadas um vago sabor de magia. Nos gigantes de Miguel Angelo não é só a grandiloquência do estilo, é a própria medida da concepção humana que desnorteia os simples. São dois mundos diferentes, opostos, os destes dois, dois mundos recreados onde é preciso para entrar um acto de abdicação e de humildade. Em Rafael, como em todos os artistas verdadeiros, o que se passa é equivalente. Mas o que num é suspeita e noutro superação é nele euforia. Moço, belo, amado das mulheres e apaparicado pelos grandes da terra, reflecte-se na sua obra sem tragédia nem mistério uma facilidade que se oferece ao espectador sensível, sem mais complicações, como um convite à felicidade.



RAFFAELLO SANZIO. «APOLO E MARCYAS». MUSEU DO LOUVRE.

RAFFAELLO SANZIO

Raffaello Sanzio, ou Santi, nasceu em Urbino, na Umbria, em 1483 e foram tantos os quadros e frescos que deixou que forçoso é supor ser numerosa a coorte de ajudantes com que realizava as suas pinturas, pois mesmo aceitando que tivesse produzido ininterrupta e rapidissimamente, não era possível doutra maneira, em vida tão curta, obra tão vasta.

Há em toda esta obra, no entanto, um carácter pessoal e um modo pessoal de ver e de se exprimir que resultou em seus imitadores (sobretudo no academismo torpe que o elegeu como divindade) no mais sensaborão dos convencionalismos.

Morreu em 1520, cheio de glória, com 37 anos apenas.



FERAS HUMANAS

cinema è, geralmente, um pretexto para contar uma història. Por isso mesmo a història conta muito num filme. Uma història imbecil impingida a um realizador de categoria porà o problema do fundo e da forma com tremenda acuidade.

Se nos lembrarmos também que, se o realizador quer algumas vezes fazer arte, o produtor quer sempre fazer dinheiro, e que a opinião do produtor è que prevalece, podemos medir bem as dificuldades com que os verdadeiros artistas se defrontam em Holly-

wood.

Desta vez ainda, a-pesar-da história ser inaceitável, Fritz Lang conseguiu fazer uma obra de admirável cinema, marcando fortemente nela o seu pessoalissimo estilo. A selecção dos sons, a mestria no uso do claro escuro, a utilização muitas vezes de processos puramente cinematográficos, levanos a aconselhar este filme a todos os que se interessam pelo cinema.

Serà inútil esmiuçar as inverosimilhanças e as imbecilidades da história, tanto elas saltam à vista, bastando apenas lembrar toda a cena em casa do irmão do fugitivo, em que são empregadas todas as habilidadezinhas do costume: os espantos da distintissima «lady», os modos da prostituta, as conversas com o mordomo, o

calão...

Mas também chamamos a atenção para aquela admirável cena de despedida na fonte, a perseguição no metropolitano, aqueles dois pés vistos de trás riscando o soalho, dando-nos todo o abatimento físico de um homem, por um processo exclusivamente cinematográfico, etc. E quem poderá esquecer a obsecante figura criada por John Canadine, ou a terna criaturinha criada por Joan Bennet?

A GRANDE ATRACÇÃO

A única coisa que salva este filme é a rápida intervenção de Luiz Armstrong. Apesar-do número musical em que intervém não ser nada de especial podem-se avaliar as imensas possibilidades desse grande cantor e actor negro, que Hollywood sistemáticamente tem esquecido.

CONFLITOS DE ALMA

A expressão «derrotada» de Humphrey Bogart parece ser uma bo a receita. Vimo-la empregar com êxito desde «A floresta petrificada» até a recente «Casablanca». Se lhe juntarmos um pouco de intriga e um psiquiatra linguareiro teremos o filme que se estreia agora, tècnicamente perfeito, mas desprovido de interesse.

Humphrey Bogart dentro da sua maneira «derrotada» continua

bom actor.

A NOBREZA CORRE NAS VEIAS

È de lamentar que tantos recursos — a boa interpretação dos adultos, a naturalidade das crianças, a mão segura de Clarence Brown, sejam gastos apenas para nos fazer interessar uma vez mais pela sorte de um cavalo, embora o filme seja mais do que uma história de cavalos, justo é confessá-lo. É justo também dizer que «A nobreza corre nas veias» está bastante acima da vulgar média americana.

SUDÃO

Num Egipto incrivelmente fotogénico, em que a multidão se apresenta sempre correctamente vestida e até as escravas aparecem muito decentes, passam-se coisas estranhas: dos amores românticos de uma rainha, que se entretém a excitar os seus súbditos numa taberna, mantendo, contudo, toda a sua pureza de donzela, e dum chefe de escravos revoltados, nasce a democracia no Egipto.

No final, depois de terem derrotado as tropas do ministro traidor, os escravos avançam a cavalo cantando que são homens livres e que combaterão em toda a parte onde estes não o sejam. E parece que foi assim que acabou a escra-

vidão no Egipto.

Duas obras essenciais no roteiro humano do nosso tempo

Olhai os Lírios do Campo, do consagrado romancista brasileiro Erico Verissimo . . 30\$00

Edição especial em bom papel, enc. com lombada de pele 80\$00

O Livro de S. Michele, de Axel Munthe, um livro lido com emocão em todo o mundo 40\$00

Edição especial em bom papel e lombada de carneira . . 90\$00 Capas de BERNARDO MARQUES

À venda e .: todas as livrarias

Pedidos a

Rua Vitor Cordon, 29

L I S B O A —

Romancistas Americanas

(Conclusão da página 14)

vigor os problemas existenciais do isolamento e da identidade pessoal. As florestas assombradas do Mississipi são o cenário dos mitos do desespero, dos temores e dos sonhos simbólicos. Mas ela conseguiu vencer a necessidade de escrever autobiografias disfarçadas para se libertar dos recalques intimos, necessidade que é um grave obstáculo para os escritores simbolistas. O mundo exterior reveste, em cada nova personagem, um aspecto inteiramente diferente e novo, enquanto o mundo que vislumbramos através das personagens de Faulkner é quase sempre monotonamente absurdo. Ela é também, entre os escritores americanos, simultâneamente um dos mais introspectivos e mals impessoais.

Uma característica comum une todas estas romancistas através das gerações: a sua preocupação com a forma e com o ofício das letras. Todas, excepto Margaret Mitchel, têm por objecto fundamental o problema moral da ordem num mundo desiquilibrado. O leitor francês conhece já Edith Wharton, Willa Cather e K. A. Porter, dentre as melhores destas romancistas. Mas enquanto não conhecer Ellen Glasgow, Elizabeth-Madox Roberts, Janet Lewis, Dorothy Baker e Eudora Welty, não poderá conhecer uma das duas grandes tendências das modernas letras americanas: a

tendência humanista.

ALBERT-J. GUÉRARD

A.-J. Guérard, jovem romancista americano, nasceu em 1914

em Houston (Texas).

Pertence à nova geração de romancistas americanos. É filho de pai francês e de mãe americana; ensinou em três Universidades e é membro da Faculdade de Letras de Harvard onde ensina literatura inglêsa. O seu primeiro romance, O tempo acompanha-nos, foi publicado em 1938. Em 1941 publicou uma obra de crítica; Traqués, outro romance, foi assinalado em The Nation como um dos sete melhores romances americanos publicados em 1944.

Nota do tradutor: Este estudo foi publicado no N.º 20 de La Gazette des Lettres (14 de Setembro p. p.). Quanto aos títulos das obras citadas seguimos o mesmo método do estudo anteriormente traduzido: as versões portuguesa são traduções das versões francesas; sempre, porêm, que conhecíamos o título original preferimos não tra-

duzir.

«MUNDO LITERARIO»